

Valdemar Valente

O mundo  
às avessas  
e outros ensaios

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Valeriana Fonseca

FOTO DO AUTOR  
Wagner Nascimento

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V154M      VALENTE, VALDEMAR. 1958-  
O MUNDO ÀS AVESSAS & OUTROS ENSAIOS / VALDEMAR VALENTE -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

132 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-187-6

1. ENSAIOS. 2. LITERATURA E CULTURA. 3. HISTÓRIA E CRÍTICA.  
I. TÍTULO

CDD.: B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## O mundo às avessas

Os textos de viajantes, cronistas e missionários, que vêm ao Brasil durante o primeiro século da colonização e parte do seguinte, correspondem a uma espécie de rascunho da cultura impregnado de teor documental. A maioria desses escritos dá conta da necessidade de se retratarem os aspectos que lhes são visíveis na vida da Colônia. Por essa razão, representam cartas, relatos de viagem e impressões diárias, não tendo como servir à função precípua de publicação. Alguns casos específicos ficam por conta de *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, ou de *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry, entre as mais conhecidas narrativas a preencher o imaginário europeu com histórias a respeito de animais estranhos, plantas raras e homens exóticos. No entanto, o primeiro livro acerca do Brasil a ser escrito e publicado em português trata-se da *História da Província de Santa Cruz*, em que Pero de Magalhaes Gandavo enumera elementos da fauna e da flora, bem como da vida entre os selvagens.

A aparente diferença na qualidade dos textos não serve para que se estabeleça uma hierarquia de estilos nesse primeiro momento de contato do europeu com a terra brasileira. Mais que sobressair pela forma escrita, os textos de informação atendem à construção da ideia de um exotismo que atua como possibilidade de acalantar os sonhos de uma Europa que sai da Idade Média com as marcas visíveis da repressão religiosa que lhe sobrepõem. Diante disso, o conflito decorrente do encontro entre civilização e barbárie, ainda que marcado pela ampliação do olhar eurocêntrico, concorre para descaracterizar essa visão acerca da terra e do homem, uma vez que estabelece relações culturais de troca que se fazem inevitáveis. Por sua vez, o que pode representar apenas uma negociação, em face da proximidade dos interesses envolvidos, converte-se em animosidade, dado o fato de europeus e ameríndios privarem do mesmo espaço.

A perspectiva de serem encontradas no Brasil jazidas de ouro e prata corresponde à promessa que se consigna na *Carta* de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel I, representando um desejo que tão cedo não tem lugar. Por isso, os relatos de Gandavo e Gabriel Soares dão conta de uma riqueza em via de ser materializada, decorrendo daí a atração de gente disposta a vir trabalhar na nova terra. Assim, o fomento à exploração do que na América Hispânica se confirma desde o início custa a efetivar-se em território brasileiro, havendo apenas sinais do que muito

mais tarde vem a ser o esplendor do ouro e dos diamantes nas alterosas mineiras. O fato é que esses bens atuam como propaganda junto a colonos ávidos por enriquecer, mas tendem também a ter desestimulada sua difusão. Por isso, quando a exploração se efetiva, sua divulgação é proibida, daí a edição de *Cultura e opulência do Brasil*, do Padre André João Antonil, ter sido recolhida por ordem da Coroa Portuguesa.

Enquanto essa riqueza não se revela, os relatos dos viajantes abordam aspectos da natureza como condição compensatória. Vindos de uma cultura marcada pela escassez econômica e pela repressão moral, os recém-chegados defrontam-se com um modelo cujas formas de representação contrariam os interditos e coerções da cultura cristã. A relação com a natureza implica no desvelamento de um erotismo a que os selvagens se integram, dando sentido a um convívio que se torna possível. O estranhamento que mutuamente ocorre atende a um plano de negociação do qual o selvagem torna-se perdedor. Os meios de que os colonos se servem, na busca pela força de trabalho do índio escravizado, concorrem para que o paraíso se converta em inferno. Assim, os textos de viagem, a partir do lugar que ocupam, ao reiterarem os princípios da cultura eurocêntrica, confirmam-se como crônica das primeiras impressões acerca da terra e do homem brasileiros.

O olhar que se instaura tem como regra um ponto de vista que concorda com os desígnios do cristianismo,

reafirmando os interesses da Coroa Portuguesa. O extrativismo vegetal substitui a ausência de uma riqueza anunciada ou mesmo presumida. Por isso, a suposição de que no sertão encontrem-se metais preciosos repercute no discurso de Gandavo, assim como no de Gabriel Soares de Sousa, cujo *Tratado descritivo do Brasil* apresenta-se como inventário dos bens a serem explorados com o apoio da Coroa, então sob o domínio dos filipes. Ainda que não tenha obtido êxito na exploração do sertão baiano, sua descrição, no final dos quinhentos, dá conta de uma terra cujas promessas de riqueza são dadas como certas. Por sua vez, tudo está nas mãos do tempo, aliando-se a isso a fundação de núcleos onde possa ter efeito a evangelização dos selvagens, sob a orientação dos padres jesuítas. Os interesses de catequistas e colonizadores encontram um termo comum, que tem referência no discurso das crônicas e relatos.

O Brasil apresenta-se como um retrato da cobiça que se apodera dos que vêm da Europa em busca de riquezas. Os bens da terra funcionam como móvel capaz de instigar a vontade de crescimento do patrimônio de aventureiros que não alimentam pela terra nada além do interesse e da ambição. O próprio discurso dos jesuítas, a exemplo do *Tratado da terra e gente do Brasil*, de Fernão Cardim, quando enumera as propriedades das plantas e exalta a prodigalidade do clima e a abundância benéfica das águas, tem por objetivo servir como relatório à progressiva expansão dos negócios portugueses, de que são alguns

dos principais interessados. Os dividendos obtidos pela Companhia de Jesus dependem dos proveitos alcançados pela catequese, ainda que isso resulte da violência de padres e colonos, a partir de suas relações de convivência. A configuração de uma leitura acerca do Brasil, portanto, ocorre a partir de um pensamento para o qual não há qualquer possibilidade de relativização.

A construção de um padrão de civilização extrativista sugere formas inusitadas de convivência, de onde decorre a observação das crônicas de viagem acerca dos aspectos incomuns da natureza e do homem. Há que se pensar a respeito do desmonte de um modelo de cultura que sucumbe à hegemonia europeia. Para que isso tenha efeito, concorrem ações de ambos os lados do poder, sendo um deles camuflado pelos supostos benefícios da catequese. No entanto, a força se justifica nos meios empregados, que não diferem uns dos outros. Não obstante a suposta intenção dos religiosos, no sentido de prover os selvagens do que pensam ser um princípio de educação que os aproxime de Deus, os métodos empregados servem-se da violência como determinação soberana.

Dois importantes documentos dão conta da concepção dos jesuítas acerca da catequese e seu efeito prático. Assim, o achado magnífico do Padre Anchieta remonta os autos da Idade Média como um espelho de dupla face, a refletir a imagem dos selvagens como personagens de si mesmos. No “Auto de São Lourenço”, o teatro confirma

a intenção do catequista em estabelecer a distinção entre o bem e o mal, a partir da teatralização da fé no cenário tropical. Outro importante documento destaca a diferença de opiniões, através do debate entre Mateus Nogueira e Gonçalo Álvares, no *Diálogo da conversão do gentio*, em que o Padre Manuel da Nóbrega enfatiza a impossibilidade da conversão, senão pelo uso da força e do castigo corporal, em face da persuasão não ter eficácia. Por esse meio, a catequese recorre à bula *Inter Arcana*, do Papa Clemente VII, que predica a violência na domesticação dos selvagens à obediência de um Deus que castiga impondo punições severas.

\* \* \*

A nudez, o canibalismo e a poligamia são os principais motivos da rejeição dos missionários jesuítas à relação dos ameríndios com o mundo. Mesmo antes da ação jesuítica confirmar-se como disciplinadora da conduta dos selvagens, Pero Vaz de Caminha, em sua *Carta*, atribui à inocência o fato dos selvagens andarem despidos como se viessem ao mundo, sem nada que lhes cubra suas vergonhas. De fato, a exposição da intimidade do corpo, para os cristãos, representa falta de decoro e transgressão digna de repreensão. Mesmo o ato sexual em si é aceito somente para efeito da procriação. Quanto aos ameríndios, a nudez inclui-se na relação do corpo físico com o calor do clima



tropical. As relações atendem a esquemas de outra ordem. Assim, numa carta, o Padre Anchieta expressa sua indignação acerca da relação entre um menino e uma idosa, sendo o sexo um direito restrito a homens e mulheres em fase viril e fértil e, por esse motivo, vedado a jovens e velhos, que devem preservar o pudor, base do preceito moral cristão. Se a nudez obriga os jesuítas a vestirem os selvagens, a poligamia os agride ainda mais, no que se refere ao casamento como relação consagrada pela Igreja.

Mais ainda, agride aos cristãos o canibalismo. Torna-se conhecido o fato de que Hans Staden sobrevive ao ritual em que seria devorado pelos Tupinambás, depois de ter manifestado medo de morrer. Desse modo, o ato de devorar outro homem corresponde à incorporação de seus valores, incluindo-se a coragem. O aprisionamento é seguido de um tratamento que não tangencia o ressentimento, uma vez que o preso é recebido como um membro do grupo. O hábito de comer carne humana, mais que um ato de vingança aos olhos dos cristãos, constitui-se em manifestação cultural de absorção e enriquecimento. Desprovidos de sentimentos de ordem moral, os ameríndios permitem-se a práticas que ferem a concepção cristã acerca dos limites do corpo. A maior parte dos relatos observa essa contrariedade, a partir do preconceito que estabelece um abismo entre culturas. Assim, o homem brasileiro e sua presença no mundo têm desqualificado seu sentido de existência.



[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)

